

O APAGAMENTO VARIÁVEL DE VOGAIS EM POSIÇÕES ÁTONAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

O CASO DE FLORES DA CUNHA (RS)

Elisa BATTISTI

Doutora. UFRGS, CNPq
battisti.elisa@gmail.com

Natália Brambatti GUZZO (UFRGS)

Doutoranda
nataliamenina@yahoo.com.br

Resumo

O apagamento vocálico variável em posições átonas no português brasileiro (*antes~an[ts]*, *desculpe~[ds]culpe*, *professor~proffs/or*, *conquistar~con[ks]tar*) afeta diferentes vogais precedidas de obstruintes e seguidas de sibilante. Na comunidade de fala de Flores da Cunha (RS), a proporção total de aplicação é de 18,5%, e o processo é favorecido pelas vogais /i/ e /e/, obstruintes /t/ e /d/ precedentes, polissílabos, posição inicial com clíticos, falantes jovens, moradores da zona urbana, e tende a progredir na comunidade.

Palavras-chave

português brasileiro; redução e apagamento vocálico; análise de regra variável

Introdução

Estudos sobre realizações vocálicas em posições átonas no português brasileiro em geral referem-se aos processos de elevação ou alçamento (*teatro*~t[i]atro, *boneca*~b[u]neca), harmonia vocálica (*pepino*~p[i]pino, *coruja*~c[u]ruja) e abaixamento (*gelado*~g[ɛ]lado, *coluna*~c[ɔ]luna, *helicóptero*~helicópt[ɛ]ro, *brócoli*~bróc[ɔ]li). O apagamento (*cabeceira*~ka[bs]eira, *lápiz*~lá[ps]), objeto da presente análise, é pouco tratado.

Todos esses são processos variáveis que, como afirma Câmara Jr. (1984, p.22), “são consequência da posição átona da vogal”, em que as oposições vocálicas verificadas na posição tônica¹ são suprimidas ou neutralizadas. A neutralização afeta as vogais médias /e ɛ/ e /o ɔ/, fazendo com que os contrastes se reduzam a cinco na posição pretônica (*b[ɛ]lo*>*b[e]leza*, *f[ɔ]lga*>*f[o]lgado*), e a três na posição átona final (*lide*~lid[i], *lido*~lid[ɔ], *lida*).

Diferentemente da elevação e do abaixamento, mas também resultante da atonicidade de certas posições da palavra, o apagamento pode afetar outras vogais que não apenas as médias. É possível pensar, como propõe Crosswhite (2000) para neutralização e redução vocálica em dialetos do russo, que a sonoridade intrínseca das vogais átonas e das vogais tônicas em um dado domínio possam ter efeitos sobre o apagamento, como também os segmentos que antecedem e seguem a vogal candidata ao apagamento. Esse último aspecto é a sugestão de Bisol (1986) para contextos como *antes*~an[ts], *medicina*~me[ds]ina: o vínculo entre oclusiva e fricativa é estreitado com a supressão da vogal, pelo que se formam as africadas [ts dz], realizações fonéticas que não fazem parte do sistema da língua.

O objetivo deste trabalho é o de testar essas hipóteses com a exploração de dados de fala de uma comunidade do sul do Brasil. Queremos verificar que vogais são apagadas, e em que proporção; e que segmentos precedem e seguem a vogal apagada, e em que proporção. Realizaremos análise de regra variável (LABOV, 1972, 1994, 2001), com o que poderemos verificar, também, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o processo de apagamento, assim como seu *status* na comunidade de fala em estudo, se variação na mudança em progresso, em regressão ou se variação estável no sistema da comunidade.

Iniciaremos o trabalho com um aprofundamento do processo de apagamento, na comparação com sua ocorrência no português europeu (doravante PE), e também na interação com outro processo variável do português brasileiro (doravante PB), a palatalização. Esse aprofundamento contribuirá para esclarecer as variáveis controladas na análise de regra variável abordada na seção seguinte, que trará também informações sobre o desenho da análise

¹ Sete são as vogais ou fonemas vocálicos do português, cujo valor contrastivo ou opositivo é verificado na posição tônica: *s/ɨ/co*, *s/ø/co* (subst.), *s/ɔ/co* (verbo ‘socar’, 1ps Pres.Ind.), *s/a/co*, *s/ɛ/co* (verbo ‘secar’, 1ps Pres.Ind.), *s/ɛ/co* (adj.), *s/i/co*.

— comunidade de fala, fonte de dados, perfil dos informantes, manejo dos programas computacionais no tratamento estatístico, aperfeiçoamento da análise estatística. Na seção subsequente, os resultados serão apresentados e discutidos.

O apagamento de vogais em posições átonas

Consideramos apagamento o que é entendido como tal pelo falante-ouvinte de português brasileiro, do ponto de vista da percepção e de modo impressionístico. Os espectrogramas nas Figuras de 1 a 4, dos vocábulos *antes* e *lambuzado* com e sem apagamento, auxiliam a visualizar de que decorre tal percepção.

Figura 1 – Vocábulo *antes*, sem apagamento

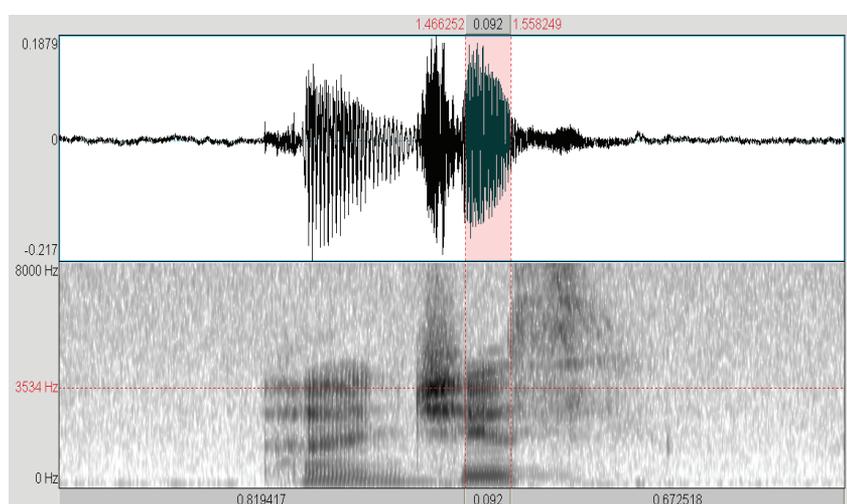


Figura 2 – Vocábulo *antes*, com apagamento (*an[ts]*)

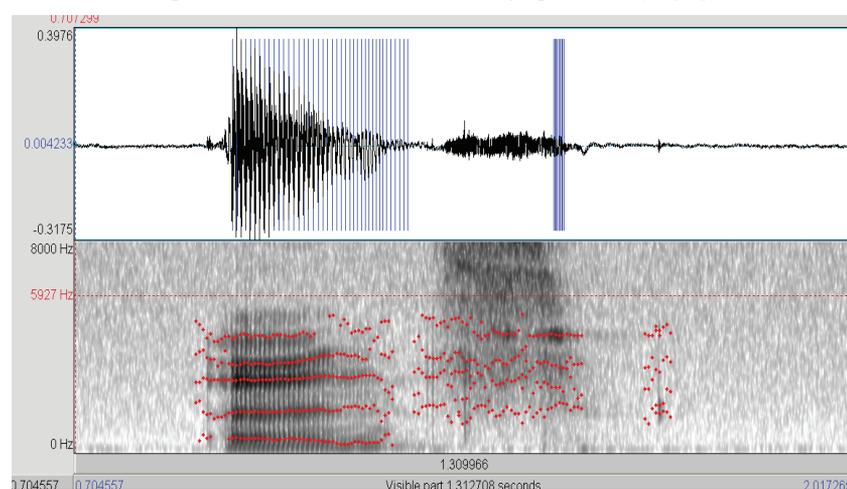


Figura 3 – Vocábulo *lambuzado*, sem apagamento

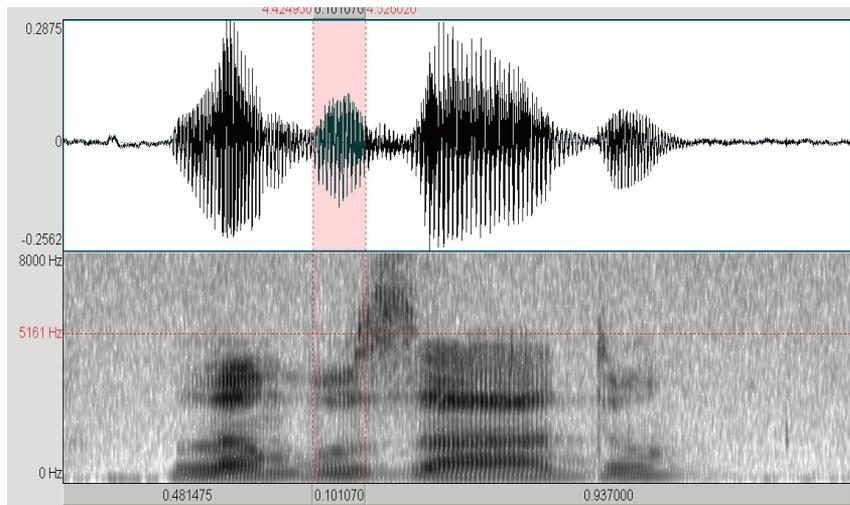
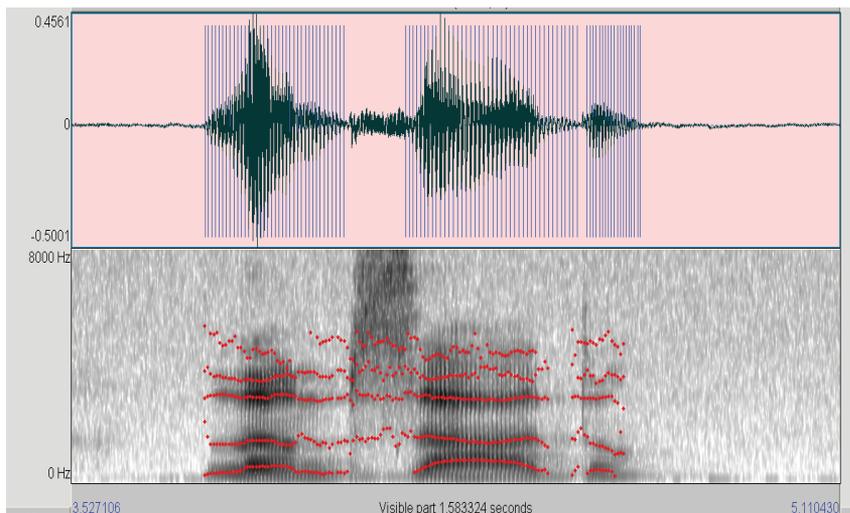


Figura 4 – Vocábulo *lambuzado*, com apagamento (*lam[bz]ado*)



Nas Figuras 2 e 4, vê-se que a duração da vogal é perdida e que não há vozeamento, o componente articulatório por excelência das vogais. Matos e Sandalo (2004) distinguem a não existência de formantes de vogal (apagamento) da existência de formantes com inexistência de som (redução drástica). O falante-ouvinte não percebe a realização da vogal em ambos os casos, o que reunimos aqui sob um único rótulo, o de apagamento.

Essas autoras, investigando a influência do padrão rítmico do PB na síncope vocálica, verificam que o processo não atinge apenas /i/ e /e/, conforme afirmam Sandalo, Abaurre, Mandel e Galves (2006), mas todas as vogais. Dos sete contextos de apagamento identificados por Matos e Sandalo (2004), quatro são de vogal seguida de fricativa /s/ ou /z/. O apagamento e a redução

drástica operam de modo a manter o ritmo binário da língua, manifesto predominantemente em palavras com número par de sílabas.

No PE, o apagamento de vogais átonas relaciona-se à redução vocálica. Num estudo sobre ritmo e aquisição da estrutura silábica do PE, Vigário, Frota e Freitas (2003) afirmam que o apagamento de vogais reduzidas é produtivo e que, por essa razão, se poderia esperar que as crianças portuguesas adquirissem esse processo fonológico bastante cedo. Exemplos das autoras (p.4):

professor	[prufisór]	[prfsór]
espelho	[iʃpéʎu]	[ʃpéʎ]
cortes	[kórtiʃ]	[kortʃ]
ordenar	[ordənáɾ]	[ordnár]
avestruz	[əvəʃtrúʃ]	[əvʃtrúʃ]
flores	[flóriʃ]	[florʃ]
meninos	[minínuʃ]	[m'ninʃ]

No entanto, as crianças portuguesas são fiéis às sílabas CV e V no processo de aquisição: produções com [i], por exemplo, claramente precedem produções com apagamento de [i]. Isso evidencia que o PE é um sistema com propriedades rítmicas do tipo silábico (*syllable-timed*), embora a redução vocálica e o próprio apagamento sejam características de sistemas de ritmo acentual (*stress-timed*).

Silva (1997), em análise de regra variável sobre o apagamento de vogais átonas no português da ilha de Faial, Açores, verifica que [u] e [ə] são as vogais que têm maior probabilidade de ser apagadas; em terceiro lugar está [i]. /e/ não aparece nesse *ranking* porque o autor entende ser [ə] o resultado da redução de /e/ e outras vogais na pauta átona. Há uma relação entre apagamento e redução. Silva (1997) afirma que o apagamento vocálico em português é essencialmente um processo variável baseado na palavra, favorecido pela posição final, tanto da palavra quanto do enunciado.

Os dados e os resultados de Silva (1997) foram mais tarde retomados por Coetzee (2004). Embora o apagamento tenha sido usado para ilustrar a proposta do autor de uma gramática pela Teoria da Otimidade (do inglês *Optimality Theory*, doravante OT) em que, avaliados também os candidatos sub-ótimos gerados por Gen, se desse origem a formas variáveis, o processo é abordado de modo a explicitar as restrições que interagem e originam as formas com vogais átonas apagadas. Coetzee (2004) entende que a redução vocálica no PE seja um processo de redução de proeminência, “um esforço de fazer com que elementos de proeminência similar co-ocorram (p.139)”.

O apagamento variável de vogais átonas no português de Faial conforma-se ao seguinte padrão, segundo Coetzee (2004):

(i) Em posição não final de palavra prosódica, as vogais átonas [ũ, ẽ, ĩ] são mais frequentemente mantidas do que apagadas.

(ii) Em posição final de palavra prosódica, as vogais átonas [ũ, ẽ, ĩ] são

mais frequentemente apagadas do que mantidas.

(iii) A vogal átona [ě] é categoricamente mantida.

(iv) [ě] apaga mais frequentemente, depois [ũ], e depois [ĩ]. A comparação entre candidatos a não apagamento para essas vogais mostra que [ě] é mais marcado do que [ũ] que, por sua vez, é mais marcado do que [ĩ]. Prevê-se mais apagamento de formas mais marcadas.

(v) A comparação entre vogais átonas em final de palavra prosódica e vogais átonas em qualquer outra posição da palavra prosódica mostra que as vogais finais são mais marcadas. Isso explica por que essa posição está associada a taxas mais altas de apagamento.

(vi) Vogais átonas seguidas de sílaba átona são mais propensas a apagamento do que vogais átonas seguidas de uma sílaba tônica. A comparação de candidatos desses dois contextos mostra que o apagamento em posição pré-átona leva a estruturas rítmicas mais bem formadas, enquanto o apagamento em sílabas pré-acentuadas poderia criar estruturas ritmicamente mais marcadas. Isso explica por que vogais pré-átonas são mais propensas a apagamento.

Esse padrão revela influência de considerações fonológicas: certos contextos prosódicos são associados a taxas mais altas de apagamentos do que outros, certas vogais apagam mais frequentemente do que outras. As considerações fonológicas em questão dizem respeito, segundo Coetzee (2004), à proeminência silábica e à sonoridade das vogais. Concebendo duas escalas, de proeminência silábica e de sonoridade vocálica, e alinhando-as de acordo com a noção de alinhamento harmônico de Prince e Smolensky (1993/2004), de modo que elementos proeminentes de uma escala co-ocorram com elementos proeminentes de outra, Coetzee (2004) deriva restrições de marcação que, em linhas gerais, vão militar contra vogais de alta sonoridade em sílabas átonas, e vice-versa. Assim, a vogal de mais alta sonoridade [a] é banida de sílabas átonas por conta dessas restrições. Já vogais de baixa sonoridade como [ũ], [ĩ], [ě] satisfazem essas restrições, sendo as favorecidas em sílabas átonas, e candidatas naturais ao apagamento.

As considerações de Coetzee (2004) sobre proeminência relativa, sonoridade vocálica, redução e apagamento inspiram-se nas análises de Crosswhite sobre neutralização e redução em dialetos do russo. Em Crosswhite (2000), por exemplo, a autora defende que as diferenças dialetais correspondem a dois padrões de redução, a extrema e a moderada. No primeiro padrão, a redução é mais provável em sílabas não acentuadas que não fazem parte do pé métrico do russo, o iambo. Isso se incrementa se a vogal tônica tiver sonoridade alta. Vogais tônicas sonoras condicionam o aparecimento de pés monossilábicos e, assim, a redução extrema (uma sílaba átona imediatamente precedente fica fora do pé). Já no segundo padrão, o de redução moderada, as sílabas átonas que fazem parte do pé, mas que são o membro não cabeça, são as afetadas. Ao abordar o português brasileiro como evidência adicional de sua proposta, Crosswhite (2000) afirma que os dois padrões de redução estariam em jogo na língua, em função do diferente comportamento das vogais na pauta pretônica

e postônica. A redução moderada ocorreria nas sílabas pretônicas entre acentos secundários, a extrema, nas postônicas².

Das análises até aqui revisadas, percebemos no PE a existência de uma relação estreita entre redução vocálica e apagamento, uma preferência pelo apagamento das vogais [ũ, ɔ̃, ɪ] e um predomínio da aplicação do processo em posições átonas finais de palavra. A proeminência relativa das vogais e sua sonoridade intrínseca têm papel. Daí vêm algumas perguntas norteadoras deste trabalho:

a) no PB o apagamento não é tão expressivo quanto no PE, mas há apagamento. Em que proporção o processo se aplica no PB?

b) há um padrão de apagamento no PE. E no PB, qual é esse padrão? Quais são as vogais apagadas, e em que posição?

Outras perguntas derivam da interação do processo de apagamento com o da palatalização variável das oclusivas alveolares /t d/ no português brasileiro, que tem como manifestação fonética as africadas palatais [tʃ dʒ] (*time~tʃime, dica~dʒica, gente~gentʃi, onde~ondʒi*). As sibilantes /s z/ seguintes à vogal alta figuram como inibidoras da aplicação do processo. Segundo Bisol (1986, 1991), a inibição tem uma explicação de base fonética: as consoantes /t/ e /s/, /d/ e /z/ são similares, produzidas com o corpo da língua baixo e a parte da frente levantada, razão por que são caracterizadas pelo traço [-alto]. “É, pois, o traço [-alto], por elas compartilhado, que fortifica a oclusiva coronal, tendendo a preservá-la da ação assimilatória da vogal alta” (BISOL, 1986, p.165). No contexto inibidor, pode-se também verificar o apagamento da vogal interveniente, o que faz surgirem as africadas não palatalizadas [ts dz].

Bisol (1986, 1991) aborda a interação das regras de neutralização com a palatalização das oclusivas alveolares, elisão da vogal e conseqüente africacão: se a elevação vocálica (por neutralização) se aplica, ela alimenta a palatalização; se ela não se aplica, sangra a palatalização. Nesse caso, a vogal não elevada fica sujeita ao apagamento, principalmente se seguida de sibilante; apagada a vogal, cria-se a africada alveolar. Mais tarde, Bisol e Hora (1995) abordam a interação e o ordenamento dessas regras pela Fonologia Lexical: a neutralização é regra lexical pós-cíclica, a palatalização e o apagamento, com conseqüente ressilabação e surgimento da africada alveolar, pós-lexicais. Uma sibilante seguida à vogal, na mesma sílaba (*partes*) ou na sílaba seguinte (*pode ser*), restringe a aplicação da palatalização. Tem-se contexto para a aplicação de apagamento: segundo os autores, o apagamento da vogal acarreta ressilabação porque a unidade temporal da vogal-núcleo é perdida; a sibilante é preservada e incorporada à sílaba, formando com a oclusiva uma rima superpesada (*parts*). Tanto a rima como a africada resultante não fazem parte do sistema da língua, escapam ao controle do Princípio de Preservação da Estrutura porque resultam de processos aplicados no nível pós-lexical.

² Na breve análise que faz do PB, a autora adota o troqueu moraico e admite pé degenerado (monossilábico e monomoraico) em paroxítonos, o que, acreditamos, é discutível.

Quando tratam da neutralização, Bisol e Hora (1995) registram o fato de que, na coda de uma sílaba final átona, posição afetada pela neutralização, a consoante /S/ não previne a regra (*antes~antis*), como fazem as líquidas /l r/ na mesma posição (*nível*, não **nívil*; *líder*, não **lídir*). Assim, além da invisibilidade ao acento (por peso), /S/ na coda permite o alçamento da vogal. Bisol e Magalhães (2004), numa análise da neutralização vocálica pela OT, entendem que o papel inibidor do alçamento desempenhado pelas líquidas resulte da ação de uma restrição de Fidelidade, que milita pela preservação dos valores de altura do input no contexto de líquida e vogal. A restrição não é específica para as líquidas em coda: conforme os autores, já em Viana (1973) aponta-se o papel preservador dessas consoantes em vocábulos como *legista*, não **ligista*; *gelar*, não **gilar*, com líquida em início de sílaba.

Para o trabalho aqui desenvolvido, a revisão de estudos sobre apagamento e palatalização sugere o papel relevante da sibilante seguinte à vogal, como também da consoante precedente. A sibilante parece fazer parte da própria regra variável, que seria a de apagamento de vogais átonas no contexto de sibilante, com que se produz africacão. Por essa razão, ela passará a integrar a variável dependente em nossa exploração de dados, como se verá a seguir. Além disso, as consoantes /t/ e /d/, não atingidas pela palatalização quando a vogal é apagada, apontam a necessidade de controlar o tipo de obstruente nesse contexto, principalmente porque há casos de apagamento de vogal seguida de sibilante com outras consoantes precedentes que não /t/ e /d/: *chaves~cha[vs]*, *conquistar~con[ks]tar*, *angustiado~an[gs]tiado*. Às perguntas que buscamos responder somam-se, então, as seguintes, encabeçadas por (c) e (d) em respeito ao elenco já iniciado acima:

c) em relação à sibilante seguinte, há efeito diferenciado de /s/, /z/, /ʃ/ ou /ʒ/ no condicionamento da regra?

d) das obstruintes precedentes, quais condicionam o apagamento?

Nossa exploração de dados iniciará com esclarecimentos sobre o método de análise, a partir de informações sobre a comunidade de fala considerada, a de Flores da Cunha (RS).

Método

a. A comunidade

Flores da Cunha localiza-se na Serra Gaúcha, na antiga Região de Colonização Italiana (RCI-RS). Segundo dados de 2011 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui 27.126 habitantes e uma área de 278 km². Flores da Cunha limita-se a sul/sudeste com Caxias do Sul, da qual dista cerca de 15 km, a sul/sudoeste com Farroupilha, a norte/nordeste com São Marcos e a norte/oeste com Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Nova Pádua. Da capital gaúcha, Porto Alegre, dista cerca de 150 km.

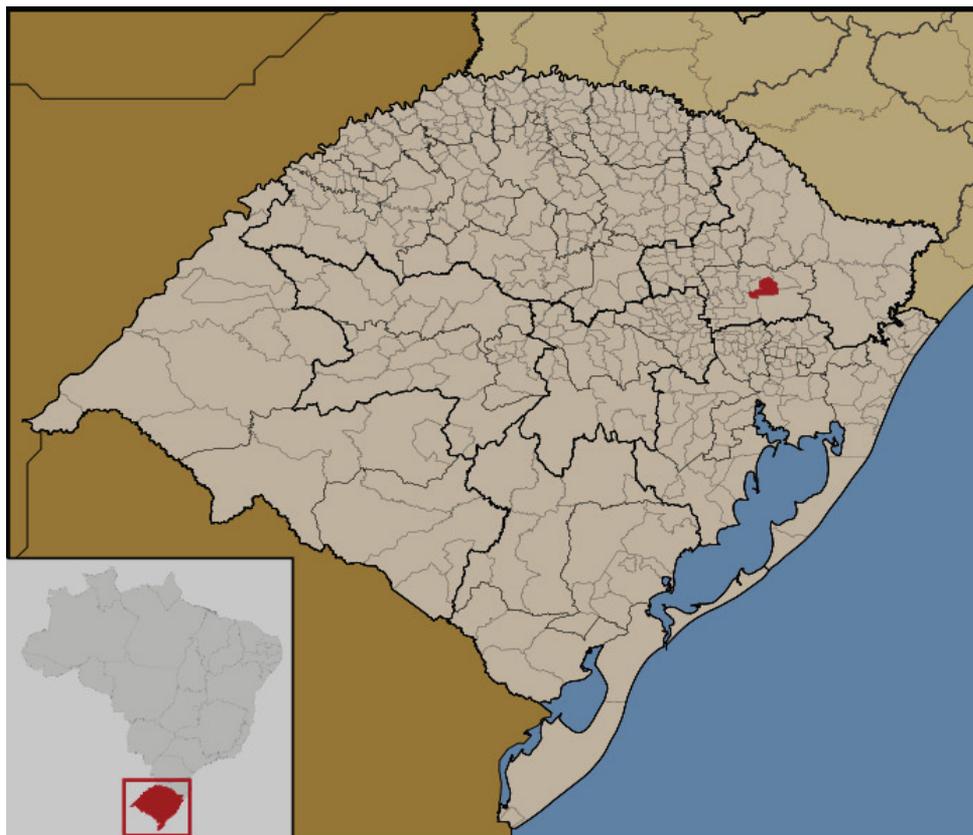


Figura 5 – Flores da Cunha no Rio Grande do Sul e no Brasil
(disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_cunha.
Acesso em 10 de janeiro de 2010)

Flores da Cunha foi fundada por imigrantes italianos por volta do ano de 1877, cerca de dois anos depois do início da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Segundo Molon (2002), as primeiras famílias que se instalaram na nova colônia eram provenientes principalmente das regiões do Vêneto, da Lombardia e do Piemonte, localizadas no norte da Itália.

A ocupação da RCI-RS foi empreendida pelo governo brasileiro por meio da distribuição de lotes às famílias de imigrantes. Desse modo, os imigrantes recebiam sua porção de terra à medida que chegavam ao Rio Grande do Sul. Segundo Frosi e Mioranza (1975), tal fato fez com que famílias provenientes de diversas regiões italianas acabassem na mesma linha ou travessão (conjunto de terrenos) e com que os dialetos falados por esses indivíduos se mesclassem a ponto de formar um outro falar dialetal, com características predominantemente vênetas.

O relativo isolamento ao qual se submetiam os imigrantes, causado especialmente pelas dificuldades de deslocamento para outras regiões do Estado, permitiu a manutenção de certos hábitos da vida na Itália, relacionados, por exemplo, aos tipos de vestimenta, à culinária e às práticas religiosas. Além dis-

so, permitiu o desenvolvimento de culturas agrícolas, como o plantio de uva, por exemplo, que mais tarde se tornariam um dos símbolos da região.

Atualmente, Flores da Cunha, assim como outros municípios da RCI-RS, destaca-se pela produção de uva. No entanto, Flores da Cunha é a maior produtora de vinho do Brasil. Outra atividade econômica de grande expressão na localidade é a indústria moveleira. Segundo Molon (2002), o município é o segundo maior produtor de móveis do Estado, chegando a exportar grande parte de sua produção.

Não apenas as culturas agrícolas se mantiveram em Flores da Cunha desde o início da imigração. O falar dialetal italiano ainda é praticado no município, em especial na sua zona rural. Além disso, muitos moradores da localidade, inclusive aqueles que residem na zona urbana, se não falam essa língua, ao menos conseguem entendê-la. Dessa forma, é possível que algumas características da fala dialetal italiana estejam presentes na fala em língua portuguesa dos informantes de Flores da Cunha. Relativamente ao apagamento, espera-se que os moradores da zona rural, mais expostos à fala dialetal, apliquem menos a regra do que os informantes da zona urbana. Tal tendência preservadora foi verificada por Guzzo (2010) no estudo da elevação de /e/ átono nessa mesma comunidade. A autora atribuiu essa tendência ao valor morfêmico que as vogais do italiano têm em certas posições.

b. Análise de regra variável

A análise de regra variável (LABOV, 1972, 1994, 2001) utilizada em nossa exploração de dados tem como variável dependente o apagamento de vogais em posições átonas seguidas de sibilante. Os dados provêm de entrevistas sociolinguísticas de 12 informantes do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, Universidade de Caxias do Sul) de Flores da Cunha (RS). Esses informantes dividem-se igualmente entre zona urbana e rural e entre os gêneros masculino e feminino, e distribuem-se em quatro faixas etárias distintas.

Dentre as variáveis independentes, há três variáveis extralinguísticas e cinco variáveis linguísticas. As variáveis extralinguísticas são: *Gênero* (masculino e feminino), *Idade* (18 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos e 71 ou mais anos) e *Local de residência* (zona urbana e zona rural). Considerando-se que o apagamento das vogais átonas possa ser um fenômeno inovador na comunidade, espera-se que seja favorecido pelas mulheres, por falantes das faixas etárias mais jovens e por moradores da zona urbana.

As variáveis linguísticas são: *Vogal candidata ao apagamento*, *Obstruinte pré-vocálica*, *Posição da sílaba na palavra*, *Número de sílabas da palavra* e *Qualidade da sibilante*.

A variável *Vogal candidata ao apagamento* possui os fatores /a/ (*marcas*), /e/ (*dezenove*), /o/ (*muitos*), /i/ (*participa*) e /u/ (*duzentos*), ou seja, o tipo de vogal fonológica suscetível ao apagamento. Espera-se, considerando-se a

sonoridade intrínseca das vogais e à semelhança do que ocorre no PE³, que as vogais a apresentarem maior índice de apagamento sejam /i/ e /u/, seguidas de /e/ e /o/, sujeitas à elevação em posições átonas.

Na variável *Obstruinte pré-vocálica*, estão os fatores /t/ (*antes*), /d/ (*dezenove*), /k/ (*marcas*), /g/ (*angustiado*), /p/ (*pessoa*), /b/ (*bicicleta*), /f/ (*professor*) e /v/ (*chaves*). Levando-se em conta a afirmação de Bisol (1986, 1991) sobre a aproximação fonológica e articulatória das obstruintes /t/ e /d/ e a sibilante, espera-se que essas sejam as favorecedoras do apagamento.

Já a variável *Posição da sílaba na palavra* contém os fatores inicial (*dezenove*), inicial clítico (*de semana*), medial pré-acentado (*professor*), medial pós-acentado (*pode ser*) e final (*antes*). Pensa-se que caiba à posição final favorecer o apagamento, visto que sua proeminência é menor do que a das demais posições átonas. Além disso, dados os resultados obtidos por Guzzo (2010) para o fator clítico, o qual se mostrou altamente favorecedor à aplicação da elevação de /e/, espera-se que esse fator repita seu papel condicionador.

Em *Número de sílabas da palavra*, estão os fatores dissílabo (*dizer*), trissílabo (*dezoito*) e polissílabo (*dezenove*). Acredita-se que o apagamento seja condicionado por polissílabos em razão da estrutura métrica com um maior número de sílabas, que deixa as sílabas átonas distantes da tônica mais vulneráveis ao apagamento.

A variável *Qualidade da sibilante* abriga os fatores /s/ (*participa*), /z/ (*dezenove*), /ʃ/ (*de chuva*) e /ʒ/ (*digestão*). A atonicidade do contexto em estudo favorece a redução, razão pela qual se prevê que os segmentos surdos /s/ e /ʃ/ sejam as sibilantes condicionadoras da regra.

³ O PB não apresenta um quadro de redução vocálica para *schwa*, como o PE. Se apresentasse, a expectativa seria a de que [ə] apagassem mais do que as outras vogais, porque é o segmento vocálico menos sonoro.

São, portanto, oito as variáveis controladas neste estudo, reunidas no quadro a seguir, com os fatores que as compõem:

Quadro 1 – Variáveis independentes controladas na análise do apagamento variável

Linguísticas	Extralinguísticas
<p><i>Vogal candidata ao apagamento</i></p> <p>/a/: marcas</p> <p>/e/: dezesete</p> <p>/o/: costume</p> <p>/i/: tradição</p> <p>/u/: lambuzado</p>	<p><i>Gênero</i></p> <p>Homem</p> <p>Mulher</p>
<p><i>Obstruinte pré-vocálica</i></p> <p>/t/: antes</p> <p>/d/: descobrir</p> <p>/f/: professor</p> <p>/v/: chaves</p> <p>/k/: conquistar</p> <p>/g/: angustiado</p> <p>/p/: lápiz</p> <p>/b/: lambuzado</p>	<p><i>Idade</i></p> <p>18 a 30 anos</p> <p>31 a 50 anos</p> <p>51 a 70 anos</p> <p>71 ou mais anos</p>
<p><i>Posição da sílaba na palavra</i></p> <p>Inicial: descobrir</p> <p>Inicial clítico: de semana</p> <p>Medial pré-acentado: professor</p> <p>Medial pós-acentado: pode ser</p> <p>Final: antes</p>	<p><i>Local de Residência</i></p> <p>Zona Urbana</p> <p>Zona Rural</p>
<p><i>Número de sílabas da palavra</i></p> <p>Dissílabo: antes</p> <p>Trissílabo: professor</p> <p>Polissílabo: dezesete</p>	
<p><i>Qualidade da sibilante</i></p> <p>/s/: professor</p> <p>/z/: deslizar</p> <p>/ʃ/: de chuva</p> <p>/ʒ/: digestão</p>	

Para o tratamento estatístico ou quantitativo previsto na análise de regra variável, os contextos de apagamento — sequências de obstruinte, vogal e sibilante em sílabas átonas — levantados das entrevistas são codificados conforme os fatores das variáveis linguísticas e extralinguísticas e submetidos ao pacote de programas computacionais VARBRUL, versão Goldvarb X, para ambiente Windows.

Resultados

Das doze entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha (RS), foram levantados 2.179 contextos de apagamento. A solução de um *knockout*⁴, porém, fez com que o número total de contextos considerados na análise posteriormente se reduzisse a 1.467. Nesses dados, a frequência total de aplicação da regra foi de 18,5%. É um índice baixo, mas confirma que o apagamento é uma regra variável na fala da comunidade⁵.

O programa excluiu as variáveis *Gênero* e *Qualidade da sibilante*, e selecionou, nesta ordem, *Obstruinte pré-vocálica*, *Vogal candidata ao apagamento*, *Idade*, *Número de sílabas da palavra*, *Posição da sílaba na palavra* e *Local de residência*. Apenas os resultados das variáveis selecionadas serão apresentados e discutidos aqui.

Com relação à variável *Idade*, mostraram-se favorecedores à aplicação da regra os fatores 18 a 30 anos (peso relativo 0,60) e 31 a 50 anos (peso relativo 0,56). Conforme se esperava, os indivíduos das faixas etárias mais jovens apagam mais a vogal átona, ao passo que aqueles com 71 anos ou mais têm tendência a preservá-la (peso relativo 0,24). Falantes com idade entre 51 e 70 anos podem ser considerados neutros (peso relativo 0,49). O apagamento parece estar sendo incrementado a cada geração, o que, em termos de tendências, confirma a hipótese de variação na mudança em progresso.

Como se esperava, o fator zona urbana, da variável *Local de residência*, condiciona a aplicação do apagamento, com peso relativo de 0,55. Já o fator zona rural desfavorece o processo, com peso relativo de 0,44. Como afirmamos anteriormente, a zona rural de Flores da Cunha (RS) mostra-se mais conservadora, menos afetada por processos inovadores do português, como a elevação de vogal /e/ em sílabas átonas (GUZZO, 2010) e palatalização de /t/ e /d/ (BATTISTI, 2011). Isso se explica, por um lado, pelo contato mais intenso do português com a fala dialetal italiana na zona rural; por outro, pelas práticas sociais diárias dos habitantes da zona urbana, que os põem em contato com indivíduos de outras localidades e tornam seu falar suscetível a inovações.

⁴ O *knockout* de um fator ocorre quando este apresenta 0% ou 100% de frequência para um dos valores da variável dependente (GUY e ZILLES, 2007).

⁵ Uma frequência de 95% ou mais indicaria aplicação categórica do apagamento; uma frequência de 5% ou menos, de que não haveria uma regra variável de apagamento na comunidade.

O Gráfico 1 a seguir apresenta os resultados (em pesos relativos) para essas duas variáveis. O *input* dessa rodada é 0,110 e a significância é de 0,000.

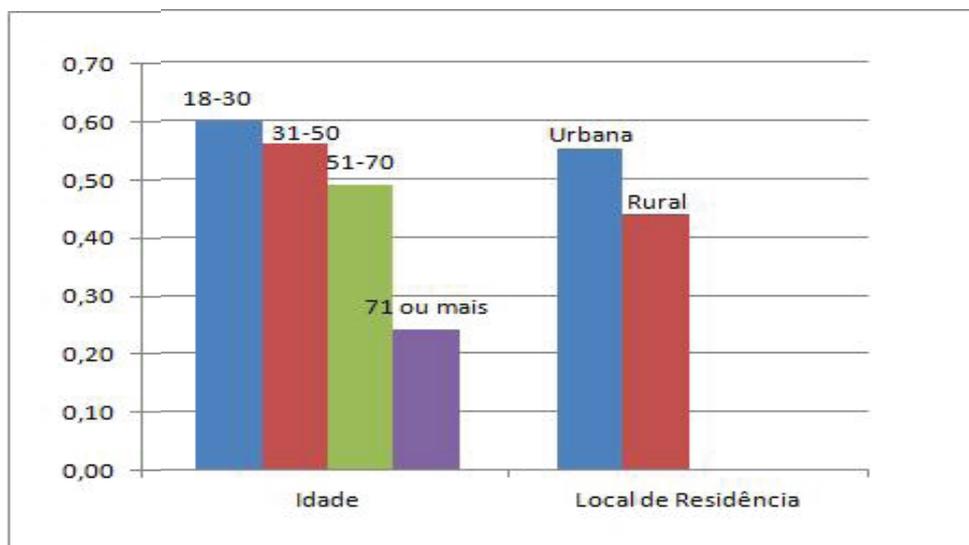


Gráfico 1 – Resultados (em pesos relativos) das variáveis *Idade* e *Local de residência*.

Em termos sociais, o apagamento mostra ser, então, um processo inovador e urbano em Flores da Cunha (RS). Mas, haja vista a ordem de seleção das variáveis estabelecida na análise estatística, as variáveis linguísticas é que têm maior efeito sobre o apagamento.

Conforme se previa, os fatores /t/ e /d/, da variável *Obstruinte pré-vocálica*, condicionam a aplicação da regra, com pesos relativos de 0,74 e 0,68, respectivamente. Outro fator que tem efeito sobre o apagamento é /k g/, com peso relativo de 0,57. Já os fatores /f v/ e /p b/ desfavorecem o apagamento, pois ambos apresentam peso relativo de apenas 0,13. Observe-se a Tabela 1:

Tabela 1 – Obstruinte pré-vocálica

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
/t/ (<i>antes</i>)	61/228	26,8	0,74
/d/ (<i>dezoito</i>)	153/489	31,3	0,68
/k g/ (<i>conquistar, angustiado</i>)	47/358	13,1	0,57
/f v/ (<i>professor, visita</i>)	6/191	3,1	0,13
/p b/ (<i>pessoa, bicicleta</i>)	4/201	2	0,13
TOTAL	271/1467	18,5	

Input 0.110

Significância 0.000

Nesta variável, alguns fatores foram amalgamados devido à escassez de contextos. Assim, /k/ e /g/ foram unidos num só fator, bem como /p/ e /b/ e /f/ e /v/. Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram não só o papel favorecedor de /t/ e /d/, mas o fato de que essas são as obstruintes

que mais ocorrem no contexto em estudo, de obstruinte-vogal-sibilante em sílaba átona.

Na linha de Bisol (1986, 1991), pensamos que o comportamento favorecedor de /t/ e /d/ possa ter relação com o fato de esses segmentos partilharem características com a sibilante. Acreditamos que essas características estejam resumidas, em termos fonológicos, no traço [coronal]. A variável *Qualidade da sibilante* foi desconsiderada da análise, o que não nos permite fazer afirmações sobre efeitos de diferenças como vozeamento e anterioridade da sibilante na aplicação do apagamento. Mas vimos que /S/ em coda não previne a elevação das vogais médias no PB e, nos casos de apagamento vocálico, a sibilante permanece, podendo-se com ela criar rimas superpesadas, o que lhe confere um caráter especial, potencializado por /t/ e /d/.

Relativamente à variável *Vogal candidata ao apagamento*, /i/ e /e/ condicionam o apagamento, o primeiro com peso relativo de 0,73, e o segundo, com 0,60. Já o fator /o u/, resultado da amalgamação de dois fatores, apresenta peso relativo de 0,24, sendo, portanto, desfavorecedor do fenômeno. Os resultados dessa variável podem ser observados na tabela a seguir:

Tabela 2 – Vogal candidata ao apagamento

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
/i/ (<i>tradição</i>)	63/254	24,8	0,73
/e/ (<i>dezenove</i>)	175/719	24,3	0,60
/o u/ (<i>costume, duzentos</i>)	33/494	6,7	0,24
TOTAL	271/1467	18,5	

Input 0.110

Significância 0.000

Houve *knockout* do fator /a/, que teve de ser excluído da análise, uma vez que foi de 100% a não aplicação da regra nesse contexto. A exclusão desse fator acarretou a diminuição do número total de contextos, de 2.179 para 1.467. A maioria dos contextos com /a/ eram ocorrências das palavras *bastante, todas, muitas*, em que não houve apagamento. Já em *todos e muitos*, ocorrências de nosso *corpus*, o processo se aplicou, o que mostra o comportamento diferenciado de /a/ em relação à redução e ao apagamento. Em termos de sonoridade, /a/ ocupa o topo da escala, é a vogal mais sonora e menos propensa à redução e desaparecimento, como vimos em Crosswhite (2000) e Coetzee (2004). Nosso resultado confirma a previsão desses estudos, como também nossa própria hipótese de análise.

Confirmam também nossas expectativas os resultados dos fatores /i/ e /e/: os dois têm efeito sobre o apagamento, mas o de /i/ é mais forte, como se espera de vogais altas, menos sonoras do que as médias. Não podemos fazer a mesma afirmação sobre /u/ relativamente a /o/, porque os dois fatores foram amalgamados. Mas vale dizer que o apagamento é maior com as vogais anteriores do que com as posteriores.

Um exame pontual dos dados mostra que o apagamento com /e/ fonológico ocorre em palavras em que a elevação também é frequente (cf. GUZZO, 2010). É o caso de ocorrências como *antes, cidades, dezenove, dezoito, dezessete, dezesseis*, entre outras. Isso comprova a relação entre redução e apagamento referida na literatura.

Quanto à variável *Número de sílabas da palavra*, é possível afirmar que o fator polissílabo condiciona o apagamento (com peso relativo de 0,63), enquanto o fator dissílabo é neutro (peso relativo de 0,49) e o fator trissílabo é desfavorecedor (peso relativo de 0,41). A tabela 3 apresenta os resultados dessa variável:

Tabela 3 – Número de sílabas da palavra

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Polissílabo (<i>dezessete</i>)	118/433	27,3	0,63
Dissílabo (<i>antes</i>)	81/372	21,8	0,49
Trissílabo (<i>professor</i>)	72/662	10,9	0,41
TOTAL	271/1467	18,5	

Input 0.110

Significância 0.000

O papel condicionador de polissílabo, neutro de dissílabo e desfavorecedor de trissílabo não permite construir generalizações como a de que a tendência de aplicação do apagamento aumentaria à medida que crescesse o número de sílabas da palavra. Se, como a literatura sugere, há uma relação entre a estrutura prosódica e o apagamento, entendemos que é preciso relacionar os resultados da variável *Número de sílabas da palavra* com os de *Posição da sílaba na palavra*. Apresentaremos os resultados obtidos para essa última variável e, depois, o cruzamento desses dois grupos de fatores.

Na variável *Posição da sílaba na palavra*, foram amalgamados os fatores final e medial pós-acentado, devido à escassez de contextos de apagamento em posição medial pós-acentado. Foi considerado favorecedor o fator inicial clítico, com peso relativo de 0,59. Já os fatores inicial e final/medial pós-acentado foram considerados neutros (com pesos relativos de 0,53 e 0,50, respectivamente). Com peso relativo de 0,26, o fator medial pré-acentado mostrou-se desfavorecedor à aplicação do apagamento. A Tabela 4 traz esses resultados:

Tabela 4 – Posição da sílaba na palavra

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Inicial clítico (<i>de semana</i>)	87/267	32,6	0,59
Inicial (<i>dezoito</i>)	97/651	14,9	0,53
Final, Medial pós-acentado (<i>antes, pode ser</i>)	67/364	18,4	0,50
Medial pré-acentado (<i>professor</i>)	20/185	10,8	0,26
TOTAL	271/1467	18,5	

Input 0.110

Significância 0.000

Também em Guzzo (2010) a elevação foi maior em clíticos, por isso não nos surpreende o resultado desse fator para apagamento. Mas o comportamento dos clíticos é bastante interessante, principalmente se levarmos em conta a proposta de Crosswhite (2000), de redução moderada e redução extrema na pauta pretônica e postônica, respectivamente, e a prosodização dos clíticos. Em termos de apagamento, os clíticos mostram ser prosodizados como sílabas pretônicas ou átonas finais? O cruzamento de *Número de sílabas da palavra* com *Posição da sílaba na palavra* ajuda a responder essa questão, bem como a compreender o papel dos polissílabos frente ao apagamento.

Tabela 5 – Cruzamento de *Número de sílabas da palavra* com *Posição da sílaba na palavra*

Posição da sílaba / Número de sílabas	Inicial clítico	Inicial	Final/Medial pós-acentuado	Medial pré-acentuado
Dissílabo	35%	27%	12%	-
Trissílabo	24%	8%	13%	2%
Polissílabo	39%	27%	34%	13%

O cruzamento mostra que o apagamento na posição inicial clítico é mais frequente do que nas outras posições, independentemente do número de sílabas da palavra, mas maior em polissílabos do que em dissílabos e, nesses, do que em trissílabos. É importante esclarecer que, na codificação dos dados, o clítico foi somado ao número de sílabas da palavra hospedeira: contextos como *de semana*, *de janeiro* e *que sabia* foram codificados como polissílabos, *que sim* e *de ser*, como dissílabos, e *de chuva* e *te serve*, como trissílabos. Nosso pressuposto foi o de que os clíticos seriam prosodizados à esquerda do hospedeiro, funcionando como sílabas pretônicas, mas o comportamento da vogal em posição inicial e da vogal em posição inicial clítico é bastante distinto, como também da vogal em posição final/medial pós-acentuado. Ainda não temos explicação para o comportamento peculiar dos clíticos, fato que deverá receber nossa atenção futura.

Em termos de estrutura métrica, e diferentemente do que propõe Crosswhite (2000), nossos resultados parecem apontar para a ausência de pés métricos nas sílabas pretônicas, o que as tornaria suscetíveis à redução extrema e ao apagamento, em que os clíticos desempenham papel importante.

Conclusão

Com a exploração de dados que realizamos neste trabalho, conseguimos alcançar os objetivos de verificar que vogais são apagadas no português brasileiro falado na comunidade de Flores da Cunha (RS), e a proporção de apagamento; os segmentos que precedem e seguem a vogal apagada, e em que proporção; as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o processo, como também seu *status* na comunidade de fala em estudo, se variação

na mudança em progresso, em regressão ou se variação estável no sistema da comunidade.

A variável dependente do estudo foi o apagamento de vogais seguidas de sibilante em posição átona, o que nos eximiu do controle do tipo de consoante seguinte. A frequência total de aplicação é de 18,5%. Verificamos que não há apagamento de /a/ átono. O processo afeta a vogal /i/, mais do que /e/ e essas, mais do que /o u/, o que se relaciona à sonoridade intrínseca da vogal. As consoantes /t/ e /d/ precedentes são aquelas que figuram nos contextos em que há mais apagamento, bem como a sílaba inicial clítica de polissílabos, evidenciando a influência segmental e prosódica sobre o fenômeno. O processo é condicionado pelos jovens, com o que se confirma seu *status* de variação na mudança em progresso.

O apagamento deve merecer investigações fonológicas futuras, que expliquem o papel das configurações consonantais e vocálicas frente ao apagamento, como também o da estrutura prosódica, a que se relaciona a prosodização dos clíticos. ☒

BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. THE VARIABLE VOWEL DELETION IN UNSTRESSED POSITIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: THE CASE OF FLORES DA CUNHA (RS)

Abstract

The variable vowel deletion in unstressed positions in Brazilian Portuguese (antes~an[ts], desculpe~[ds]culpe, professor~pro[fs]or, conquistar~con[ks]tar) affects different vowels preceded by obstruents and followed by sibilants. In the speech community of Flores da Cunha (RS), the rule applies at a rate of 18,5%, and the process is conditioned by vowels /i/ and /e/, preceded by obstruents /t/ and /d/, in the first syllable (clitics) of polysyllabic words. People who live in the urban area and youngsters favor the deletion, and the process tends to progress in the community.

Keywords

Brazilian Portuguese; vowel reduction and deletion; variable rule analysis.

Referências

BATTISTI, E. Implementação da variação e mudança fônica: o caso da palatalização de /t/ e /d/ na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba, p. 1301-1311, 2011.

BISOL, L. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos* (5), p.151-162, dez.1986.

_____. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.

BISOL, L.; HORA, D. da. A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. *Estudos linguísticos e literários* (17), p.11-23, jul.1995.

BISOL, L.; MAGALHÃES, J. S. de. A redução vocálica no Português Brasileiro: Avaliação via restrições. *Revista da ABRALIN*, v.III, p.195-216, 2004.

CÂMARA Jr., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

COETZEE, A. W. *What it means to be a loser? Non-Optimal Candidates in Optimality Theory*. Amherst, UMass, 2004. 508 f. PhD Dissertation (Linguistics), Department of Linguistics, University of Massachusetts.

CROSSWHITE, K. M. Vowel reduction in Russian: a unified account of standard, dialectal, and “dissimilative” patterns. In: CROSSWHITE, K.M.; McDONOUGH, J. (eds.). *University of Rochester Working Papers in the Language Sciences*. v. Spring, n.1, p.107-172, 2000.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: EDUCS, 1975.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUZZO, N.B.. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 2010. 156f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

MATOS, M. P. de; SANDALO, M. F. S. Síncope vocálica no português brasileiro. *Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. UFSC, Florianópolis. 2004.

MOLON, F. *Carreteiros de Flores da Cunha e da região*. Flores da Cunha (RS): Prefeitura Municipal, 2002.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar*. [Relatório técnico]. Rutgers University e University of Colorado em Boulder, 1993. Versão revista publicada pela Blackwell em 2004. Disponível no Rutgers Optimality Archive, 537.

SANDALO, F.S.; ABAURRE, M.B.; MANDEL, A.; GALVES, C. Secondary stress in two varieties of Portuguese and the Sotaq optimality based computer program. *Probus*, v.18, p. 97-125. 2006.

SILVA, D. J. The variable deletion of unstressed vowels in Faialense Portuguese. *Lan-*

guage Variation and Change 9, p.295-308, 1997.

VIANA, G. A. R. *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1973.

VIGÁRIO, M.; FROTA, S.; FREITAS, M. J. From signal do Grammar: Rhythm and the acquisition of syllable structure. In: BEACHLEY, B. (Ed.) *Proceedings of the 27th Boston University Conference on Language Development*. Dommerville, Mass.: Cascadilla Press, p.809-821, 2003.